



A influência do contexto no alcance das metas em uma proposta de consultoria colaborativa

The influence of context to reach the goals on a proposal for collaborative consulting

Andréa Carla Machado

Suzelei Faria Bello

Maria Amelia Almeida

Universidade Federal de São Carlos

Sabrina Ferreira de Oliveira

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Resumo

O objetivo desse trabalho é relatar duas experiências, destacando as diferenças nos contextos de sala de aula de uma proposta de consultoria colaborativa no contexto escolar em que o consultor-especialista se propõe a auxiliar no atendimento da demanda de crianças com problemas de comportamento e de aprendizagem. A Consultoria Colaborativa é um serviço educacional especial, onde profissionais auxiliam o educador regular e dividem a responsabilidade para planejar, distribuir e avaliar instruções para grupos de estudantes que apresentam ou não necessidades educacionais especiais. Participaram da pesquisa três professoras, sendo duas profissionais de sala regular e uma de sala especial, cujos alunos apresentaram dificuldades de comportamento e de aprendizagem. Foram realizadas reuniões com os professores para explicitação do processo de consultoria e suas etapas. Os resultados parecem mostrar a importância da disponibilidade interna do professor para o processo de consultoria assim como a influência dos sentimentos de fracasso e baixa autoestima no seu desempenho.

Palavras-chave: Consultoria Colaborativa. Práticas pedagógicas. Educação inclusiva.

Abstract

The aim of this work is to report two experiences, highlighting the differences in the context of classroom and participant teachers, in the process of collaborative consultation in the educational system where the consultant specialist proposes to help the teacher to meet children with behavior and learning problems demands in the school. Three teachers participated in the research: two professionals of a regular classroom and one of a special classroom, in which students were presenting behavioral and learning disabilities. Collaborative Consulting is a special education service, where professionals help the regular teacher and share the responsibility to plan, deliver and evaluate instruction for groups of students who have special educational needs or not. The purpose of the meetings was to explain to the teachers the consultation process. The results suggest that teacher availability play an important role in the consultation process as well the feelings of failure and low self-esteem impact performance.

Keywords: Collaborative consultation. Pedagogical practices. Inclusive education.



Introdução

A Consultoria Colaborativa é um serviço educacional especial, através do qual profissionais auxiliam o educador regular e dividem a responsabilidade para planejar, distribuir e avaliar instruções para grupos de estudantes que apresentam ou não necessidades educacionais especiais. Este texto corresponde à descrição de dois relatos de experiência envolvendo os pressupostos da Consultoria Colaborativa, sendo que ambas as pesquisas foram requisitos para avaliação final da disciplina Tópicos em Educação Especial: Consultoria Colaborativa, inserida na grade curricular do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, Estado de São Paulo.

A disciplina tinha como objetivo apresentar conceitos e pesquisas envolvendo a Consultoria Colaborativa e incentivar os alunos matriculados a desenvolver trabalhos em campo que contemplassem os elementos constitutivos de tal proposta. Com esse propósito, a disciplina também contribuía para a divulgação e construção da metodologia colaborativa como estratégia para o contexto escolar inclusivo.

132

Ressalta-se a importância de descrever duas experiências, em contextos escolares diferentes, apresentando a disparidade de ambientes e resultados. Tal proposta vem ao encontro da necessidade de demonstrar a proposta de consultoria como colaboração entre educação regular e especial, através da contribuição de profissionais de várias áreas do conhecimento nas escolas. Este trabalho procura destacar a importância da formação de professores com vistas à atuação no ensino de forma colaborativa.

A partir do objetivo de iniciar a implementação de uma parceria colaborativa entre o ensino regular e a educação especial, a fim de oferecer sugestões e auxílio ao professor, buscou-se, em ambos os trabalhos, aprofundar a temática da consultoria, contribuindo para o aprimoramento da disciplina descrita.

Referencial teórico

A Consultoria Colaborativa na escola é um processo de auxílio aos professores e está, indiretamente, relacionado aos alunos. Quando se trata da inclusão de alunos com necessidades especiais, a Consultoria Colaborativa



na escola é vista como um processo de auxílio aos professores no sentido de ajudá-los a criar estratégias que proporcionem melhores condições de aprendizagem aos alunos especiais.

Conceitualmente, esse processo consiste em uma prática na qual alguém treinado para oferecer informações trabalha numa relação igualitária, não hierárquica, com outra pessoa. O consultado – que pode ser um profissional da educação ou os pais de um aluno – é assistido em seus esforços para tomar decisões e executar planos para melhorias de interesse de um terceiro (no caso, um aluno) com problemas de aprendizagem ou comportamento. Consiste em uma prática de compartilhamento de saberes, na qual um profissional treinado no processo de consultoria ajuda um cliente especialista ou experiente na área em que a consultoria será prestada. Para o consultor dessa modalidade, não é necessário que tenha um conhecimento acurado da área, mas precisa conhecer o processo de consultoria. (KAMPWIRTH, 2003).

Algumas habilidades importantes do consultor para trabalhar no modelo colaborativo foram citadas por Bradley (1994): comunicação, capacidade de resolução de problemas, desenvolvimento do planejamento e programas para avaliação, efetividade interpessoal, condução de entrevistas e discussões, observação, registros, serviços coordenados, interpretação dos registros, aceitação, acordo, exposição das ideias, prescrição, teoria e princípios.

São vários os modelos de consultoria colaborativa. Eis alguns exemplos dos principais modelos de consultoria: saúde mental, comportamental, genérico, organizacional e colaborativo. (DOURGHERTY, 2003). Todos esses modelos podem ser adaptados ao contexto escolar e trabalhados de forma compartilhada. Esse é um ponto fundamental da consultoria, visto que o profissional que a recebe não deve ficar dependente do consultor, a quem cabe o papel de auxiliar o cliente a pensar em soluções para seus problemas e organizá-las na prática, de forma que aprenda a resolver os seus problemas futuros, mesmo na ausência do consultor.

Vários autores sugerem formas diferentes de estabelecer o processo de consultoria. Um modelo genérico atual pode ser baseado, segundo Kampwirth (2003), no *ecobehavioral consultation*, cujo enfoque está na solução de problemas comportamentais. Esses autores sugerem sete fases sequenciais da consultoria colaborativa: (1) definir e clarificar o problema; (2) analisar várias facetas do problema; (3) criar estratégias alternativas; (4) avaliar e escolher estratégias; (5) definir a responsabilidade do consultor e do consultado; (6)



implementar estratégias prioritárias; (7) avaliar a efetividade das ações e, se necessário, modificá-las.

Um outro exemplo de modelo de consultoria é aquele com *enfoque biofísico*, no qual vários profissionais da área da saúde podem atuar, realizando uma consultoria relacionada a algumas atitudes avaliativas da saúde da criança. O objetivo seria a detecção de algum problema orgânico ou funcional que estivesse dificultando o desempenho do aluno. (KAMPWIRTH, 2003).

Um exemplo do modelo biofísico, é citado por Kampwirth (2003), pois, segundo ele, o Fisioterapeuta e Terapeuta Ocupacional teriam a função na escola de: (1) explicar aos professores e assistentes as condições da criança e as suas implicações funcionais; (2) recomendar estratégias para ajudar a criança na adaptação e enfrentamento das condições escolares; (3) planejar alguma adaptação necessária ao ambiente; (4) treinar os assistentes que irão auxiliar a criança; (5) revisar e monitorar a progressão da criança.

Independente do profissional envolvido, no contexto da consultoria é importante que o consultor não seja visto pelo professor como um avaliador do seu trabalho. Para manter o respeito entre consultor e consultado ou entre uma equipe maior, é preciso ter confidencialidade e respeito pelo erro do outro. O consultor deve estabelecer uma relação de confiança com o consultado para que este tenha segurança em demonstrar suas potencialidades e fraquezas. Isso constitui um dos principais objetivos dos primeiros encontros da consultoria. (KAMPWIRTH, 2003; JORDAN, 1994).

Meyers, Valentino, Meyers, Boretti e Brent (2003) apontam aspectos relacionados aos membros da equipe de consultoria que podem levar o processo ao fracasso. Entre eles, estão o envolvimento insuficiente do professor; falta de respeito de alguns professores perante os outros da equipe; ausências nas reuniões; atendimento inconsistente; seguimento interrompido; negação de serviços especializados; dificuldade em solucionar problemas; quando o consultor não se compromete suficientemente e em casos de ideias difíceis de ser implementadas.

Dessa forma, fomentando novas abordagens colaborativas, destaca-se a Educação Especial, a qual pressupõe que seja necessário identificar o perfil de aprendizagem dos alunos quando não acompanharem os conteúdos escolares e atuar no sentido de utilizar metodologias e meios alternativos para a facilitação do processo de ensino e aprendizagem. (CARVALHO, 2008).



Nessa perspectiva, compete ao profissional da Educação Especial investigar os processos de aprendizagem experimentados pelos alunos, considerando tanto as dificuldades e disfunções dos indivíduos, quanto as inadequações do ensino que geram os fracassos escolares. Assim, o educador especial deve abrir portas para que todos permaneçam na escola e alcancem o aprendizado possível dentro de suas reais condições. (BUENO, 2008).

A Educação Especial apresenta-se, nesse sentido, como uma área que valoriza, intrinsecamente, os potenciais humanos e as práticas inclusivas. Diante de inúmeras situações de exclusão vividas nas escolas, esse profissional contribui, significativamente, com as instituições de ensino e com os professores. (BUENO, 2008).

Justifica-se a atuação do profissional de Educação Especial quando é capaz de colaborar para que a escola adote uma postura voltada à inclusão, com competência para reconhecer as múltiplas dimensões do sujeito. A Educação Especial presta sua contribuição para que a escola dê conta do aluno como um todo, reconhecendo a aquisição do conhecimento como uma construção de sujeitos que necessitam de tempo para viver e organizar suas experiências. (BRASIL, 2008).

Metodologia

A proposta apresentada neste trabalho tenta avançar em relação ao que é preconizado, de forma geral, pela investigação avaliativa convencional, mas se classificando dentro de sua tipologia. Ela se fundamenta, sobretudo, na teorização do contexto e do conteúdo do programa a ser avaliado, e usa os instrumentos operacionais para analisar a produtividade, os efeitos e o rendimento da intervenção. Mas acrescenta aos outros elementos, a observação e a análise da dinâmica visível e subjacente dos atores sociais envolvidos no processo e suas representações, tanto em relação à ação sob julgamento como no interior do próprio processo de avaliação. (MINAYO, 2010).

Por uma questão didática referente à apresentação do método, os participantes, locais e procedimentos e os resultados de ambas as experiências serão apresentados em sequência, e denominados de Estudo 1 e Estudo 2.



A presente proposta foi desenvolvida, no ano de 2008, como requisito para finalização da disciplina Tópicos especiais: consultoria colaborativa como descrito na introdução deste texto.

Em ambas as pesquisas foram utilizadas a metodologia qualitativa com abordagem observacional e participativa, cujo procedimento, primeiramente, se deu por observações realizadas pelas consultoras a fim de detalhar as queixas colocadas pelas professoras para que, depois, fossem direcionadas e escolhidas as datas para os encontros e participação da consultoria colaborativa.

Os dados foram coletados por meio do instrumento: diário de campo¹ produzido pelas pesquisadoras, sendo nele registradas observações sistemáticas da prática docente e da prática pedagógica construídas de forma colaborativa pelas – professoras (consultadas) e pesquisadoras (consultoras) de cada trabalho, bem como pelos diários reflexivos² desenvolvidos pelas próprias professoras, cujos conteúdos, referem-se à reflexão das práticas desenvolvidas durante o programa de consultoria colaborativa e também seus apontamentos sobre os comportamentos, avanços e dificuldades dos alunos-alvo. O delineamento envolveu uma etapa preliminar para a condução dos procedimentos éticos.

136

Estudo 1

Participantes e Local: duas professoras de escola de rede pública pertencente a uma cidade de pequeno porte localizada no interior do Estado de São Paulo. Ambas do gênero feminino, com 54 e 55 anos, e com graduação em Pedagogia. As professoras incluídas neste estudo foram aquelas que concordaram, voluntariamente, em participar da pesquisa, cujos alunos (indicados por elas) apresentavam dificuldades de aprendizagem e de comportamento. Os nomes dos alunos foram modificados a fim de preservar o anonimato.

Descrição da proposta: o primeiro contato ocorreu com a Coordenadora Municipal da Educação, que se mostrou receptiva e interessada com a proposta da consultoria. Após a explanação dos detalhes pelas consultoras, foi indicado o nome de duas professoras que poderiam participar do trabalho. Assim, foi definido o processo de consultoria e esclarecidas as dúvidas sobre o trabalho a ser efetivado.

Kampwirth (2003) enfatiza que, após clarificar as etapas, o autor inicia suas reflexões sobre o sistema de consultoria para atender à demanda



de crianças em idades escolares com problemas de comportamento e de aprendizagem, além de disponibilizar dicas de possíveis soluções para as dificuldades. O programa de consultoria colaborativa deve, portanto, ser utilizado para auxiliar, colaborar e cooperar com os professores e os pais. Salienta-se que, nesse trabalho, não houve participação dos pais devido ao exíguo espaço de tempo para o seu desenvolvimento.

Assim, primeiramente, foi entregue às professoras dois questionários³: um para verificar o seu perfil; e o outro contendo um levantamento do grau de conhecimento sobre o processo de consultoria. Assim, elas receberam um plano estabelecendo um cronograma de trabalho semanal, a fim de sistematizar os encontros, além de um texto explicitando o conceito de Consultoria Colaborativa. Em seguida, foi entregue uma pré-avaliação, baseada em Léfevre⁴ (1989) como indicador do encaminhamento dos possíveis problemas dos alunos a serem trabalhados no período da consultoria. Também para o acompanhamento dos alunos sugeridos no trabalho somaram-se os diários de campo, ou seja, registros de observação das consultoras e os diários reflexivos das educadoras.

A princípio, as professoras demonstraram timidez diante da proposta, porém dispostas a tentar esclarecer as dificuldades das crianças, procurando auxiliá-las no que fosse possível.

Pôde-se observar, por meio dos relatos de ambas as professoras, que elas demonstraram interesse no desenvolvimento do programa de consultoria colaborativa, apesar das dificuldades em se expressar verbalmente, e explicar suas próprias dúvidas em relação aos conteúdos trabalhados em sala. A Professora I, com mais de 15 anos de magistério, relatou que elas precisariam muito de ajuda como demonstra em seu discurso: “[...] precisamos de um suporte para a gente se sentir segura quando aparece um problema maior [...]” (PROFESSORA I, 2008).

A Professora II demonstrou, por meio da sua escrita nos primeiros diários reflexivos, uma insegurança e dificuldade na escrita formal. Contudo, era visível a vontade em aprender.

Primeiramente, tantos os diários de campo como os diários reflexivos foram fotocopiados e feitas leituras intensivas dos registros. Por último, os conteúdos foram desmembrados em unidades, ou seja, passagens dotadas de informações completas a respeito de episódios vivenciados. Para garantir a



confiabilidade, cada diário foi lido por duas pessoas (pertencente ao grupo da disciplina já descrita anteriormente) que discutiram possíveis divergências na delimitação das unidades. Por último, foi feita a classificação das unidades delimitadas em todos os diários de campo e diário reflexivo, com a finalidade de identificar categorias de conteúdo, descritas nos Quadros 1, 2 e 3.

Motivo do encaminhamento para consultoria e história dos alunos consultados

Alunos da Professora I

André: morador da zona rural com 7 anos e 9 meses, cursando a primeira série do Ensino Fundamental no período vespertino. Foi encaminhado devido às suas dificuldades de aprendizagem. No histórico de L., constatamos que sua mãe engravidou com uma idade precoce (13 anos) e a criança nasceu pré-termo (5 meses). O aluno apresenta problemas de fala (troca de fonemas e gagueira), dificuldade no aprendizado não acompanhando seus pares; na escrita e na leitura omite e inverte as letras; também dificuldade no aprendizado de cálculo. Apresentava ansiedade, timidez e baixa – tolerância para frustração. Faz um acompanhamento individual: reforço escolar e terapia fonoaudiológica.

Beatriz: 7 anos, cursando a primeira série do Ensino Fundamental no período vespertino, residente na zona rural. A criança foi encaminhada, pois apresenta imaturidade para entendimento de certas situações cotidianas e dificuldades na aprendizagem escolar. Segundo o registro da professora, a aluna é quieta e se distrai facilmente, apresenta inabilidades motoras para sua idade, como: desenhar, cortar, amarrar, tem problemas na fala, na escrita e na leitura, não acompanha o aprendizado de matemática, desinteresse, além de baixa tolerância à frustração. A professora enfatizou que a família da aluna é completamente indiferente às suas dificuldades. A criança fazia reforço escolar por ocasião da coleta de dados.

Alunos da Professora II

Carlos: tinha 10 anos e cursava a segunda série do Ensino Fundamental em período matutino e recebia intervenção fonoaudiológica. Foi sugerido seu acompanhamento devido a problemas neurológicos e comportamentais. O aluno fazia uso de anticonvulsivante, já que tinha epilepsia e transtorno opositor



desafiante. Segundo a professora, a criança se irritava, facilmente, e era muito disperso. Apresentava dificuldades motoras, trocas fonêmicas, tiques (barulho com a boca), não acompanhava a sua classe, problemas, inclusive, de escrita (grafia), leitura (omissões, ritmo, trocas). A professora enfocou, ainda, que o aluno não terminava suas atividades e constantemente gritava, dizia palavrões e agredia os demais, caso fosse contrariado. Não estava em terapia psicológica por total ausência da família diante dos seus problemas.

Diego: tinha 9 anos e cursava a segunda série do Ensino Fundamental no período matutino, recebendo reforço escolar no período inverso. A professora sugeriu o acompanhamento do aluno para a consultoria, pois apresentava problemas de comportamento e dificuldade na aprendizagem escolar. A criança foi vítima de maus tratos e abuso sexual quando menor. Esses acontecimentos podem justificar sua falta de interação e distanciamento com a professora e os demais colegas da sala de aula. Segundo a Professora II. Diego não gostava de escrever, porém participava, oralmente, das atividades, desde que fosse motivado. Apresentava desinteresse total pelos conteúdos escolares. Era desastrado, apresentava alguns tiques e fazia uso de objetos transacionais (estava sempre com um objeto na mão, qualquer que fosse a situação). Na coleta de dados, estava sob intervenção fonoaudiológica, pois, segundo a professora, o aluno apresentava algumas trocas na fala.

139

Identificação do problema

O primeiro contato se deu com a Coordenadora Municipal da Educação, a qual se mostrou receptiva e interessada com a proposta da consultoria. Após a explanação dos detalhes pelas consultoras, ela indicou duas Professoras (I e II) que poderiam participar do trabalho. Assim, foi definido o processo de consultoria e esclarecidas as dúvidas sobre o trabalho a ser efetivado.

Inicialmente, foram entregues às professoras dois questionário, sendo um para verificar o seu perfil; e o outro contendo um levantamento do grau de conhecimento sobre o processo de consultoria. Assim, elas receberam um plano estabelecendo um cronograma de trabalho semanal, a fim de sistematizar os encontros, bem como um texto explicitando o conceito de Consultoria Colaborativa. Após essa etapa, foi entregue um instrumento referente a uma pré-avaliação para ambas baseada em Léfrevé (1989) como indicador do



encaminhamento dos possíveis problemas dos alunos a serem trabalhados no período da consultoria. Também para o acompanhamento dos alunos-alvo foram utilizados os diários de campo, ou seja, registros de observação das consultoras e os diários reflexivos das educadoras.

A princípio, as professoras demonstraram ansiedade e insegurança diante da proposta, porém dispostas a esclarecer as dificuldades das crianças e a trabalhar visando facilitar e auxiliar o trabalho.

Pôde-se observar que ambas as professoras se mostraram interessadas. Porém, elas tinham dificuldades em se expressar, até mesmo explicar suas próprias dúvidas em relação aos conteúdos trabalhados em sala. A Professora I (2008), com mais de 15 anos de magistério, relatou que precisava muito de ajuda como demonstra em seu discurso: “[...] precisamos de um suporte para a gente se sentir segura quando aparece um problema maior [...].”

Plano educacional de consultoria estabelecido junto às professoras

140

Os encontros para organizar o plano educacional de consultoria aconteceram uma vez por semana nas próprias dependências (uma sala) da escola.

No decorrer da Consultoria, foram sugeridas estratégias como: reconhecimento de palavras, de consciência fonológica envolvendo as etapas iniciais de leitura e escrita que contemplassem as atividades e projetos (que já vinham desenvolvendo na escola) de ambas as professoras, bem como suas demandas educacionais.

Porém, as consultoras deixaram claro que as consultadas deveriam e poderiam criar outras formas para trabalhar com as sugestões feitas nas reuniões, sempre de acordo com a viabilidade da sua sala de aula.

O segundo encontro proposto para as professoras foi a feitura de registros das suas aulas, chamados de “diário reflexivo”. Essa atividade de escrita auxilia o autoconhecimento e construção da autonomia relacionada à prática pedagógica, pois o diário do professor é considerado um instrumento para detectar problemas e explicitar seus dúvidas e apontamentos.

Uma estagiária de Psicologia foi convidada para acompanhar a consultoria nos encontros com as Professoras I e II envolvendo diálogos com aspectos referentes à autoestima, valorização do conhecimento, ou seja,



sentimentos que envolviam o processo de ensinar. É importante ressaltar que não houve aplicação de instrumentos psicométricos no programa de consultoria. A Psicóloga frequentou todas as reuniões semanais juntamente com consultados e consultores, no entanto ofereceu somente dicas gerando reflexão das professoras sobre o processo ensino aprendizagem.

Resultados

De acordo com os relatos e trabalhos produzidos pelas Professoras I e II, ambas foram hábeis tanto no envolvimento com a sala quanto na utilização de cada estratégia extraíndo, assim, o melhor para a aula e enfocando, inclusive, as habilidades dos alunos.

No entanto, a Professora II demonstrou, por meio da sua escrita (preenchimento dos questionários e nos primeiros diários reflexivos), uma baixa autoestima e falta de conhecimento técnico, porém uma força de vontade em aprender.

As Professoras I e II destacaram que, durante o processo, a maior transformação, em sua prática, havia sido a construção do diário reflexivo, pois, quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida atribuindo-lhe novos significados. Assim, a reflexão perante a própria prática provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si mesmas e aos outros. (ZABALZA, 2004).

É importante destacar que as consultoras também construíram seus diários de campo, e que, igualmente, se mostraram importantes na observação dos alunos indicados para o trabalho de consultoria. Os diários de campo tiveram como finalidade registrar, por meio da escrita, as atitudes, angústia, dúvidas e dificuldades das pesquisadoras na construção, em parceria com as professoras, do processo formativo e, particularmente, do processo interativo. Segundo Mendes, Toyoda e Bisaccione (2007), por meio dos diários de campo, podem ser denunciados, de forma simples, os fatores envolvidos em um trabalho, o que contribui muito para o estudo de novas formas de atuação, como pode ser observado no relato de um dos diários das consultoras:

As professoras parecem estar gostando da parceria, mas ainda se sentem muito ansiosas em relação ao registro das suas aulas. Estão apreensivas em registrar suas atividades diárias. Assim, foi focado



para elas que escrevessem suas atividades diariamente enfatizando o desenvolvimento dos alunos indicados (com dificuldades) na participação das tarefas propostas. (DIÁRIO DE CAMPO, 2008). [...] A Professora II tem mais dificuldade em expressar suas idéias e criar atividades para seus alunos. Também apresenta uma dificuldade em relação ao domínio da linguagem escrita. Pretendemos ao longo do nosso trabalho também ajudá-la a superar tal dificuldade. (DIÁRIO DE CAMPO, 2008).

Assim, os diários de campo revelaram que houve uma interação satisfatória entre consultoras e consultadas.

Em relação aos diários reflexivos das Professoras I e II, pôde-se observar que ali está descrita, de forma cronológica, a trajetória das aulas envolvendo a prática escolhida, apresentando, inclusive uma interpretação pessoal do elemento trabalhado na pesquisa, ou seja, a sua prática. A redação foi enriquecida com a descrição de detalhes e com comentários que expressavam a maneira de compreender o elemento em questão.

Na amostra da Consultoria Colaborativa abaixo, encontram-se dois pequenos trechos retirados dos diários das consultadas:

142

O André e a Beatriz tentaram e mostraram vontade de realizar a atividade, mas só foi possível com minha ajuda. [...] nossos encontros nos deram a oportunidade de surgir novas idéias com tentativa de mudanças com evolução e progresso em relação aos nossos alunos e nossas práticas pedagógicas. (DIÁRIO REFLEXIVO DA PROFESSORA I, 2008). [...] O Diego já está começando a ler e escrever de forma que se entenda, quanto ao Carlos já não mais apresenta tantas dificuldades, na leitura na escrita. (DIÁRIO REFLEXIVO DA PROFESSORA II, 2008). [...] Hoje achei a atividade muito produtiva porque despertou interesse nos alunos [...] eles falaram espontaneamente sobre o assunto. Senti que eles, principalmente, o Diego conseguiu realizar a atividade, vi que ele se sentiu muito feliz. (DIÁRIO REFLEXIVO DA PROFESSORA II, 2008).

A estagiária de Psicologia permaneceu durante todo o processo atenta e cuidadosa aos acontecimentos propostos pelas consultoras. Os encontros entre consultores e consultado foram demarcados pela presença da estagiária que intervinha de forma proativa na tentativa de valorizar a importância das professoras para seus alunos.



No Quadro 1, é possível verificar o progresso das professoras participantes ao longo do processo da consultoria colaborativa, segundo observações feitas pelas consultoras, e registradas nos diários de campo.

Quadro 1
Progresso das professoras, conforme observações do diário de campo das Consultoras

Observações das Consultoras	Antes	Depois
Quanto à disponibilidade de trabalho conjunto	Inseguras no início do processo, tanto para iniciar o trabalho de consultoria quanto na relação com os alunos. Não tinham hábito de registrar a aula, somente preenchiam o diário de classe tradicional obrigatoriamente.	Estavam mais flexíveis às sugestões e criavam estratégias voltadas à leitura, escrita, além do que era sugerido nas reuniões semanais. Relatavam os acontecimentos e reflexões particulares no diário reflexivo com maior frequência.
Quanto à postura educacional em relação aos alunos	Insegurança.	Propunham a atividade, refletiam sobre ela e a modificavam quando necessário.
Quanto ao posicionamento em relação às consultoras	Falavam pouco, colocavam suas dúvidas de forma focam em cada aluno.	Dialogavam com maior segurança, relatavam suas atitudes em sala e autorrefletiam sobre suas atitudes.

143

Fonte | Progresso das professoras, conforme observações do diário de campo das Consultoras antes e após o programa de consultoria colaborativa prestado



No Quadro 2 e 3, observam-se algumas atividades desenvolvidas em sala de aula, tais como: a participação dos alunos nessas atividades, bem como as reflexões das professoras sobre sua prática pedagógica.

É importante notar que há um desenvolvimento positivo em relação às atividades, pois se verificou que as tarefas propostas pelas professoras foram sendo realizadas, gradativamente, e a participação dos alunos André e Beatriz foram, também, aos poucos, ganhando autonomia diante dessas tarefas.

Quadro 2
Atividades, participação dos alunos da professora I e suas reflexões

Atividades	Participação dos alunos								Reflexão da professora
	André				Beatriz				
	P A P	P A C	P S A	N P	P A P	P A C	P S A	N P	
Trabalhar ordem alfabética – com apoio de crachás e, depois, confecção de bingo de nomes				X				X	<i>O primeiro encontro de consultoria me permitiu refletir sobre o meu compromisso com segurança e tranquilidade no processo de ensino. Assim, as minhas observações diante das atividades dos alunos foram intensificadas e detectei que o alfabeto foi reconhecido pelos alunos-alvo.</i>
Ditado de palavras em relação ao tema festa de aniversário	X				X				<i>André e Beatriz estavam muito estimulados e tentaram realizar a atividade, mas o meu auxílio se faz necessário.</i>
Atividade voltada para construção da hipótese silábica com palavras que apresentem a letra T	X								<i>Mesmo com a dificuldade de André, foi utilizado o alfabeto móvel para concretizar a atividade o que permitiu a finalização da atividade possibilitando verificar rotas facilitadoras para o desfecho da tarefa.</i>



Trabalhar as diversas versões da história "branca de neve e os sete anões"	X				X				<i>O trabalho enfatizou a oralidade estimulando a reflexão dos alunos, a dificuldade de André e Beatriz estão evidentes o que exige meu auxílio, bem como dos colegas de sala.</i>
Trabalho com números	X				X				<i>A reflexão girou em torno da necessidade de realizar atividades claras e concretas relacionadas ao cotidiano de André e Beatriz. Por isso, a cada dia, a minha responsabilidade está em fiscalizar o alcance de cada um para atingir suas habilidades e potenciais. Observa-se que o avanço é gradativo, mas estão começando a compreender noções de algoritmo com a quantidade.</i>
Trabalho com sequência e compreensão de texto da história do "patinho feio" e suas diferentes versões	X				X				<i>Os alunos conseguiram enumerar as sequência das cenas; tanto André quanto Beatriz se interessaram pela proposta, observa-se que, mesmo com as dificuldades estabelecidas pelos alunos, a análise das atividades e a observação tornam-se importantes na medida que eu oriento as práticas pedagógicas. Vejo que facilita a elaboração de futuras propostas de trabalho.</i>

Fonte | Diário de campo da professora I referente às atividades, reflexões e participação dos alunos-alvo durante o programa de consultoria colaborativa

Legenda

PAP | Participou com ajuda da professora

PAC | Participou com ajuda dos colegas

PSA | Participaram sem ajuda

NP | Não participou



Neste Quadro, foi possível verificar que a Professora I passou a refletir sobre suas atividades por meio das observações por ela descritas no diário de campo, bem como observar o desempenho dos alunos André e Beatriz. Isso remete aos achados de Mendes, Toyoda e Bisaccione (2007, p. 73) que relatam que, por meio dos diários de campo, pode-se “[...] compreender e avaliar intervenções no sistema de ensino [...]”. ”

Quadro 3
Atividade, participação dos alunos da professora II e suas reflexões

Atividades	Participação dos alunos								Reflexão da professora
	Carlos				Diego				
	P A P	P A C	P S A	N P	P A P	P A C	P S A	N P	
Trabalhar direitos e deveres da criança: resgatar valores familiares e sociais	X				X				<i>Considerarei a atividade produtiva, pois ao longo do processo, os dois alunos falaram de forma espontânea sobre o tema para o grupo.</i>
Trabalhar rimas com apoio musical e transpor para a escrita				X	X	X			<i>Os dois alunos, a princípio, participaram de forma voluntária na atividade, porém Diego, ao encontrar uma palavra, mostrava para a sala com entusiasmo e sinal de satisfação. Já Carlos desviava a atenção e desistiu no meio da atividade.</i>
Utilização do alfabeto móvel para formar palavras isoladas	X				X				<i>O meu apoio torna-se essencial, para que Carlos não desista, principalmente após o intervalo (recreio).</i>



Observar e montar outras palavras a partir da palavra "CASA"				X	X				<i>Na minha perspectiva, Carlos demonstrou resistência, na execução da atividade, pois as letras foram modificadas do formato – forma para palito e ele perdeu o interesse. Parece ter alta frustração diante de tarefas que tem dificuldade.</i>
Interpretação de textos	X				X				<i>Os dois alunos participaram da atividade por meio da comunicação oral, levando em consideração a dificuldade com a escrita.</i>
Retirar rimas da poesia apresentada com a temática do dia da árvore	X				X				<i>O auxílio ainda é fundamental, pois se eu deixar Carlos e Diego sozinhos eles não caminham nas atividades e apresentam comportamentos inadequados, tais como: Carlos que coloca os pés na carteira e recusa a fazer as atividades.</i>
Trabalhar números e sequência	X							X	<i>Diego apresentou desenvolvimento e interesse maior nas atividades voltadas à matemática, já Carlos precisa do meu apoio e responde mais oralmente e se recusa, na maioria das vezes, a registrar a atividade no caderno.</i>



Trabalhar lista de palavras explorando uma peça teatral que ocorreu na escola	X						X	<p><i>A minha ajuda com o aluno Carlos é essencial para que ele não perca o interesse e se desvie do foco da atividade.</i></p> <p><i>No caso de Diego sua evolução apresenta-se diária.</i></p> <p><i>No entanto, diante da sua frustração em verificar um erro, ele se desestimula e não quer continuar a atividade.</i></p>
Registrar no caderno palavras sobre um passeio ecológico	X						X	<p><i>Carlos demonstra rapidez nas respostas orais, agora mais contextualizadas, porém, ao transpor para a escrita, necessita de auxílio. Diego realiza a transposição das palavras para o papel, com trocas, e substituições, mas, com o auxílio fonológico, supera a dificuldade.</i></p>

Fonte | Diário de campo da professora II referente às atividades, reflexões e participação dos alunos-alvo durante o programa de consultoria colaborativa

Legenda

PAP | Participou com ajuda da professora

PAC | Participou com ajuda dos colegas

PSA | Participaram sem ajuda

NP | Não participou

No Quadro 3, observa-se que a professora II pontuou de forma salutar as respostas de cada atividade dos alunos Carlos e Diego, na tentativa de refletir sobre o trabalho e compreender se o processo de intervenção estava ocorrendo de forma a facilitar o processo de aprendizagem dos alunos em questão. Como ressalta Mendes, Toyoda e Bisaccione, (2007) a análise do diário de campo gera efeitos sobre as práticas dos educadores no contexto educacional, pois os professores atribuem as atividades, refletem sobre ela



e verificam sua eficácia possibilitando ao professor uma proximidade com o ensino-aprendizado dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Estudo 2

Participantes e local:

Participou do Estudo 2 uma professora (PROFESSORA III, 2008) de uma escola da rede pública de uma cidade de médio porte no interior do Estado de Minas Gerais. A Professora III de 28 anos de idade com graduação em Pedagogia e experiência com turmas de Educação Infantil, concordou, voluntariamente, em participar da pesquisa. A designação para se referir a essa professora, tal qual no Estudo 1, foi modificado a fim de preservar o anonimato.

O aluno-alvo participante da proposta de Consultoria Colaborativa foi indicado pela coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação Especial, antes do contato com o professor.

Motivo do encaminhamento para consultoria e história dos alunos consultados

149

A Professora III trabalhava em sala especial de alunos com dificuldades de aprendizagem, distúrbios de aprendizagem e alterações de comportamento. Nela, estavam matriculados, em média, 17 alunos. A idade variava de 8 anos a 9 anos, e esses alunos não estavam alfabetizados. As disciplinas trabalhadas na sala compreendiam: Português, Matemática, Ciências, Geografia, Valores Humanos e Artes. Existia, somente, uma professora para a sala e não havia monitora.

O aluno acompanhado está caracterizado a seguir.

Fabio: com 8 anos de idade na época da coleta dos dados, estava na turma correspondente ao terceiro ano do ensino fundamental. As razões do encaminhamento foram: baixa visão; alteração do comportamento, em forma de agressividade; epilepsia. Segundo a professora, o aluno sofria bastante com o preconceito dos colegas e não conseguia aprender; não era uma criança muito "emotiva", apresentava baixa autoestima, se prevalecia de suas limitações para não participar, efetivamente, das atividades escolares e era



muito distraído. As alterações motoras também limitavam suas possibilidades de aprendizado. Ele apresentava muita dificuldade com membro superior esquerdo (MSE), especialmente nas atividades de recorte (uso da tesoura). Como história breve, a professora relatou que a criança era ausente da escola, apresentando muitas faltas. Por muitas vezes sofria internações devido às crises convulsivas. A mãe se comportava de forma participativa e se preocupava com o aluno na escola, mas, ao mesmo tempo, não compreendia as dificuldades escolares do filho.

Identificação do problema

Com autorização da Secretaria Municipal de Educação Especial, a consultora foi enviada ao Centro de Referência Pedagógico da cidade para auxiliar na inclusão escolar de uma criança com deficiência múltipla. Uma reunião inicial foi marcada com a diretora da escola e a professora da sala do aluno que seria acompanhado durante a consultoria. Nesse primeiro encontro, foi mostrado para a professora o que era a Consultoria Colaborativa, como era seu processo e quais eram as fases que iriam percorrer para ajudá-la na resolução dos problemas.

150

Nessa ocasião, foi solicitado à professora o preenchimento de um formulário inicial de informações acerca do aluno.

Observou-se que a Professora III estava mais preocupada com os problemas de toda a sala e não, apenas, com o aluno encaminhado. Assim, foi solicitado que a professora elaborasse questões para serem respondidas no processo de consultoria colaborativa. As questões produzidas foram as seguintes: “Como lidar com a baixa autoestima e de não aprender na sala?; como fazer para aumentar a concentração em sala de aula?; como lidar com a agressividade, problemas de comportamento?; como aumentar a dedicação delas à escola?”.

Na observação da classe, registrada no Diário de campo da consultora, buscou-se observar o que, realmente, aconteceu no contexto da sala, dos colegas, das atividades, confirmando as informações da professora e tentando delimitar as causas das alterações de comportamento e dificuldades de aprendizagem, tanto dos alunos quanto da metodologia do ensino.



Na 1ª observação da consultora, havia 10 alunos em sala. Foram identificadas as seguintes características da turma: dispersavam-se com facilidade; aqueles, que terminavam primeiro a atividade, não conseguiam manter a disciplina enquanto esperava os colegas. Em relação à professora, foram observados os seguintes aspectos: atitude punitiva quando o aluno não havia feito a tarefa de casa, como exemplo dar tarefa em dobro para o dia seguinte; grito para impor disciplina. Alguns aspectos didáticos parecem importantes de ser destacados: atividades feitas em casa eram corrigidas longe do aluno; pouco reforço positivo para o aluno, como elogios, por exemplo; cobrança do aluno quando erravam. Em relação ao ambiente de sala de aula, a iluminação e ventilação eram boas, os alunos poderiam levar garrafas de água devido ao calor intenso. Um aspecto negativo era o expressivo número de carteiras vazias amontoadas em um canto da sala de aula, não aproveitando o espaço físico restante.

Fabio copiava com atenção. Tinha um ritmo lento, dificuldade de enxergar o quadro, ficava com o rosto bem próximo do caderno, utilizava o membro parético (o braço sem mobilidade) para segurar o caderno. Era uma criança quieta, não conversava com os colegas, observava e se divertia com as travessuras dos outros, que também não o procuravam para brincar. Já no processo de alfabetização, o aluno apresentava dificuldade em formar palavras.

151

O aluno corria com muita dificuldade, praticamente pulando somente sobre uma perna. Durante uma brincadeira a qual era de corrida o aluno-alvo interagiu com as crianças e também não demonstrou agressividade em nenhum momento para com seus colegas, embora as crianças demonstrassem um certo receio para brincar com Fabio.

Algumas intervenções, orientadas pela Secretaria, estavam sendo realizadas pela professora para melhorar a aprendizagem de toda a sala. Ela estava retomando conteúdos, deixando que eles fossem ao quadro negro (que parecia ser uma atividade prazerosa para os alunos), fazendo atividades diferentes com cada letra que iam trabalhar. As aulas de matemática estavam sendo desenvolvidas de forma mais dinâmica, inclusive os alunos apresentavam mais facilidade. A professora relatou que, até aquele momento, não conseguia visualizar resultados, especialmente em relação à alfabetização dos alunos.



Plano Educacional de Consultoria

Com as observações em sala de aula, a consultora detectou alguns sinais complicadores para o comportamento e para a aprendizagem dos alunos: baixa autoestima; desmotivação para o aprendizado; agressividade entre os alunos; distração durante as atividades; influência de determinados alunos sobre toda a sala; carência afetiva (necessidade de falar e de ser ouvido); alto índice de faltas. Por parte da professora, parecia que faltava elogiar os alunos, oferecer atenção individualizada em alguns momentos, como, por exemplo, no momento da correção das atividades.

A análise desse problema foi colocada à professora, e um Psicólogo começou a acompanhar as reuniões de consultoria.

O “*brainstorming*” ou tempestade de ideias foi realizado para iniciar o estabelecimento das estratégias de intervenção. A professora foi orientada que falasse o que lhe viesse à mente, para, depois, haver o refinamento das ideias, tanto em viabilidade quanto em prioridade.

A professora não demonstrava muita abertura para elaborar o planejamento em conjunto, ou seja, construção de atividade juntamente com a consultora. Seu comportamento desmotivador traduzia desânimo e descrença, tanto na sala de aula quanto no processo de consultoria, pois se recusava, na maioria das vezes, a aceitar auxílio. Durante a tempestade de ideias, não houve sugestão da professora. Sendo assim, a consultora mostrou suas propostas para que ela as analisasse. Foram feitas as seguintes propostas:

1. Realização de um breve treinamento com Psicólogo sobre questões de comportamento das crianças e de como auxiliar em comportamentos cooperativos. O objetivo seria ajudar a professora a lidar melhor com o comportamento das crianças e conseguir modificá-las com estratégias simples; mostrar a ela a importância do suporte comportamental positivo.
2. Corrigir os erros no caderno junto às crianças, aproveitando esse momento de correção para aumentar a aprendizagem.
3. Indicar uma monitora para a turma.
4. Trabalhar a cooperação entre os alunos: um monitorar o outro. O objetivo seria melhorar o comportamento, a autoestima, a motivação, e, conseqüentemente, a aprendizagem. Seria, também, uma



forma de ocupar aqueles mais indisciplinados que têm um poder de influência maior sobre a sala.

5. Colocar as carteiras em dupla para facilitar essa cooperação e estimular amizade, coleguismo. Convém escolher bem as duplas para não causar efeito contrário.
6. Tirar as carteiras em excesso na sala e criar um espaço diferente em sala de aula, de recursos interessantes. Essa intervenção poderia ajudar a criar formas de recompensas para as crianças, aumentando a motivação, e diminuir a distração, principalmente entre as atividades.
7. Questionar os alunos sobre o que gostam de fazer e valorizar isso nas atividades.
8. Realizar uma dinâmica para trabalhar aceitação do colega com deficiência em sala para melhorar a socialização do P.H. e aumentar sua autoestima.
9. Cartazes para trabalhar habilidades sociais.

À medida que as propostas iam sendo feitas, a professora emitia sua opinião no sentido de sua viabilidade. A proposta do exercício sobre as questões comportamentais com um psicólogo a agradou. Sobre um atendimento mais individualizado com os alunos e a necessidade de uma monitora, a professora achou importante, mas um pouco longínquo da realidade, já que envolveria muitas outras pessoas e todo o sistema escolar. Em relação à ajuda entre os alunos também foi uma proposta aceita, porém a professora colocou o quanto seria difícil controlar a disciplina e a cooperação. Poderiam ser feitas tentativas colocando algum dia as carteiras em duplas. A respeito da correção das tarefas em proximidade com os alunos, a professora mencionou que uma sugestão de automonitoramento dos erros tinha sido proposto também pela consultora da Secretaria e poderia ser tentado novamente. Em relação às habilidades sociais, a professora acreditou não ser necessário. No que concerne às atitudes dos alunos diante de Fabio, ela disse que ele mesmo é que se "exclui".



Resultado

A atuação do profissional de Psicologia ocorreu, apenas, através de dois encontros. O primeiro, após duas semanas da implementação da metodologia de consultoria, em reunião cujo objetivo era avaliar o andamento do processo de consultoria. O profissional deixou que a professora colocasse suas dúvidas e queixas em relação à turma. Percebeu-se aí que a professora também estava com baixa autoestima por não estar conseguindo resultados e devido aos problemas comportamentais apresentados pelos alunos. Apesar de demonstrar certo sentimento de fracasso, relatava que, ainda assim, haviam acontecido mudanças positivas na turma, embora insignificativas diante de todo o necessário. Assim, o psicólogo trabalhou a autoestima da professora, mostrando que essas pequenas conquistas se somariam com o decorrer do tempo e se tornariam resultados mais visíveis. Eles teriam que ser valorizados como sinais de sucesso da metodologia utilizada no ensino.

Já na segunda ocasião de discussão com o psicólogo, foi pedido, novamente, que a professora levasse suas dúvidas e dificuldades do dia a dia. Por não ter tido essa iniciativa da professora, o psicólogo informou-lhe algumas regras simples de atitude diante dos comportamentos inadequados dos alunos e formas de avaliar as suas respostas para que se tivesse ideia do efeito dessas atitudes sobre o comportamento da criança. Trabalhou, inclusive, o conceito e prática de reforço positivo.

Em relação às outras propostas de intervenção da consultoria, não foram constatadas ações que mostrassem a Professora III trabalhando, tais como: cooperação entre os alunos e o automonitoramento. Como sua ansiedade era grande em visualizar sinais de aprendizagem nos alunos, a consultada estava se empenhando mais com as intervenções didáticas sugerida pela equipe da Secretaria.

Além do mais, não realizou seu diário reflexivo, argumentando falta de tempo por trabalhar em outro local, no período da manhã.

Na avaliação, juntamente com a Professora III, do porque da não implementação das ações propostas pela consultoria, podem ser destacados os seguintes aspectos:



1. a preocupação da professora com a questão da aprendizagem, de forma que sua atenção e motivação estavam mais voltadas para a consultoria da SEMEC;
2. a falta de estabelecimento de uma relação mais equilibrada entre consultor e consultado;
3. muitas intervenções ao mesmo tempo para que a professora colocasse em prática;
4. insegurança e inexperiência por parte da consultora;
5. o fato da consultoria não ter sido solicitada pela professora e sim proposto e oferecido pela consultora;
6. pouco tempo de contato semanal com a escola (as situações, muitas vezes, se modificavam de uma semana para outra);
7. talvez, o desvio do objetivo da consultoria da criança-alvo em relação a toda a classe.

Discussão geral

Esse trabalho teve por objetivo relatar duas experiências, destacando as diferenças nos contextos de sala de aula e dos professores participantes, analisando a influência deles no alcance das metas estabelecidas no processo de consultoria.

As fases sequenciais da consultoria colaborativa evidenciada por Kampwirth (2003) foram destacadas no Estudo 01 pelos processos seguidos por consultor e consultado, pois ocorreu a definição do problema com os dois alunos; criaram-se estratégias alternativas que foram monitoradas, além de verificadas sua eficácia pelo monitoramento dos diários de campo e observação da efetividade das ações.

Os relatos foram ancorados prioritariamente, na relação professores e consultores. Assim, foi possível perceber que a ansiedade das professoras tanto do Estudo 1 quanto do Estudo 2 foi relevante para relatar o processo de consultoria.

Porém, no caso da Professora III, a ansiedade era acompanhada, de forma mais significativa, por sentimentos de fracasso, culpa e baixa



autoestima, o que limitava a entrega da professora ao processo de consultoria. (CAPELLINI, 2004).

Ainda em relação à professora III do Estudo 02, havia sentimentos de desânimo, sobrecarga e desmotivação no trabalho com os alunos. Esses sentimentos poderiam estar presentes pelo tempo exíguo de trabalho da professora com a turma (somente 3 meses), e também pelo fato de ter experiência maior com Educação Infantil, além de estar diante de uma sala especial, onde todos os alunos apresentavam dificuldades/distúrbios de aprendizagem.

Mizukami (2002) expõe que sentimento de fracasso, culpa e baixa autoestima sobre a aprendizagem da sua turma podem atrapalhar a motivação do professor em seu trabalho na sala de aula, o que, somado à dificuldade dos alunos, pode culminar em fracasso escolar.

O exemplo de consultoria mais bem estabelecida do Estudo 01 é capaz de demonstrar como a observação de alguns desses aspectos pode, realmente, ser importante para o sucesso no alcance de metas da consultoria.

Um dos pontos a serem sugeridos, neste trabalho, seria o acesso aos pais que, mesmo em contextos difíceis, seria um auxílio a mais e significativo para o desenvolvimento intelectual e social de seus filhos. Isso não foi possível devido ao tempo e da dinâmica familiar das crianças em questão.

Assim, sugeriu-se, principalmente, para o aluno André da Professora I e para o aluno da Professora III, um trabalho interventivo com uma equipe multidisciplinar, no qual poderiam ser realizadas avaliações específicas para, assim, abarcar as habilidades e promover um auxílio global para o desenvolvimento desses alunos.

Em relação aos demais alunos do Estudo 01, destacados na Consultoria Colaborativa, também foram sugeridas intervenções de acordo com a problemática de cada um. Vale ressaltar que as Professoras I e II consultadas terminaram o trabalho confiantes e satisfeitas com os resultados obtidos em sala de aula.

Autores, como Mendes, Toyoda e Bisaccione (2007), observaram competências necessárias do educador para um desempenho viável na escola inclusiva, pontuou a sensibilidade para a diversidade; características pessoais para resolução de problemas; avaliação da efetividade da consultoria; comunicação interativa entre consultor e consultado, para este autor as professoras não acreditam ter todas as competências apontadas, o que leva a



importância do treino e do trabalho conjunto e colaborativo. No Estudo 01, essas competências foram sendo adquiridas na medida em que os professores compreenderam o trabalho, registraram, refletiram e, sobretudo, acreditaram na dinâmica que esse trabalho exercia dentro do contexto de sala de aula.

Conclusão

Pôde-se observar que a proposta de Consultoria Colaborativa auxilia e respalda o professor com estratégias, trocas de experiência e reflexão sobre sua própria prática, quando há abertura por parte do professor (consultado) para esse processo. A Consultoria Colaborativa é um processo delicado, que só atingirá suas metas diante da observação criteriosa da metodologia em que será estabelecida, especialmente no que concerne ao relacionamento consultor-consultado. Tais fatores colaboram para a construção de um espaço de segurança e credibilidade no próprio trabalho do professor e do consultor.

Quando bem sucedida, como observada no Estudo 1, a consultoria auxilia o professor a ousar mais em atividades e criar possibilidades que potencializam as habilidades das crianças. As trocas de informações, oportunizadas pelo processo de consultoria, enriquecem o contexto escolar e agregam mais valor ao trabalho dos professores, consultores e toda a equipe envolvida.

Como demonstra o estudo de Mendes (2008), a perspectiva colaborativa poderá auxiliar e transformar o panorama inclusivo das escolas, o que fica evidente tanto no Estudo 1 quanto o Estudo 2, com suas peculiaridades e dinâmicas diferenciadas, pois equaciona uma estrutura local, com características socioculturais próprias.

Sobretudo, a colaboração fundamenta-se em um sistema de parceria e cooperação, que demanda um envolvimento além da sala de aula que possa trazer a possibilidade de fusão de habilidades, compartilhando, assim, confiança e liberdade na resolução de problemas de forma criativa que resulta na promoção de apoio e compartilhamento de responsabilidades entre consultor e consultado.

Por fim, vale destacar que essa proposta possibilitou a demonstração da união de esforços entre Educação Especial e Educação Regular, no sentido de buscar uma educação para todos os alunos, indistintamente de suas necessidades especiais.



Notas

- 1 Diário de campo refere-se às anotações sistemáticas durante a consultoria colaborativa realizadas pelas consultoras (pesquisadoras). Salienta-se que, no seu interior, consiste as impressões e reflexões das mesmas fazendo parte dos instrumentos de coleta de dados não enquadrando-se nos referenciais bibliográficos.
- 2 Diários reflexivos segundo Zabalza (2004) esse instrumento corrobora o aprimoramento das reflexões sobre as práticas desenvolvidas na sala de aula pelas professoras envolvidas por meio da construção da sua escrita diária, enquadrando-se como instrumentos para a coleta de dados não fazendo parte da bibliografia referenciada.
- 3 Disponível no final deste artigo.
- 4 Anexado no final do artigo.

Referências

BRADLEY, Dianne. A framework for the acquisition of collaborative consultation skills. *Journal of Educational and Psychological Consultation*, 1994. In: KAMPWIRTH, Thomas (Org.). **Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems**. New Jersey: Merril Prentice Hall, 2003. (Capítulo 2).

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2009.

BUENO, José Geraldo. A pesquisa educacional e a transformação das práticas escolares. 2008. In: DECHICHI, Cláudia; SILVA, Lázara Cristina da (Org.) **Inclusão escolar e educação especial: teoria e prática na diversidade**. Uberlândia: Edufu, 2008. (Capítulo 4).

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. **Possibilidades da colaboração entre professores do ensino comum e especial para o processo de inclusão escolar**. 2004. 300 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

CARVALHO, Maria Silveira Britto de Carvalho; PARDO, Maria Benedita Lima. 2008. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amelia; HAYASHI, Maria Cristina Piombiati Innocentini (Org.) **Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática**. Araraquara: Junqueira&Marin editores, 2008. (Capítulo 14).

DIÁRIO DE CAMPO. Neves Paulista, 28 set. 2008. (Número 2).



DIÁRIO REFLEXIVO DA PROFESSORA I. Neves Paulista, 05 out. de 2008.

DIÁRIO REFLEXIVO DA PROFESSORA II. Neves Paulista, 09 out. 2008.

DOURGHERTY, Michel. Consultation: Practice and Perspectives. 3 ed. Pacific Groove, CA: Brooks/Cole. In: KAMPWIRTH, Thomas (Org.). **Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems**. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003. (Capítulo 2).

JORDAN, Anne. **Skills in collaborative classroom consultation**. New York: Routledge, 1994.

KAMPWIRTH, Thomas. **Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems**. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.

LEFÈVRE, Beatriz Helena. **Neuropsicologia infantil**. São Paulo: Savier, 1989.

MENDES, Enicéia Gonçalves; TOYODA, Cristina Yoshie; BISACCIONE, Paloma. S.O.S. Inclusão escolar: avaliação de um programa de consultoria colaborativa com base em diários de campo. In: JESUS, Denise Meyrelles; BAPTISTA, Claudio Roberto; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa; VICTOR, Sonia Lopes (Org.). **Inclusão praticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para inclusão escolar. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, Maria Amelia; HAYASHI, Maria Cristina Pumbiato Inocentini (Org.). **Temas em educação especial: conhecimentos para fundamentar a prática**. Brasília: Junqueira & Marin Editores, 2008.

MEYERS, Barbara; VALENTINO, Caroline; MEYERS, Joel; BORETTI, Michelle; BRENT, Donna. Implementing prereferral intervention teams as an approach to school-based consultation in an urban school system. In: KAMPWIRTH, Thomas (Org.). **Collaborative consultation in the schools: effective practices for students with learning and behavior problems**. New Jersey: Merrill Prentice Hall, 2003.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline; TANCREDI, Regina. **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Carlos: Edufscar, 2002.

PREFEITURA Municipal de Uberaba. Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo. **Uberaba em dados**. Uberaba (MG): SEDET, 2006. Disponível em: <www.uberaba.mg.gov.br>. Acesso em: 22 jun. 2007.



PROFESSORA I. **Entrevista**. Neves Paulista, 28 ago. 2008.

PROFESSORA II. **Entrevista**. Neves Paulista, 28 ago. 2008.

PROFESSORA III. **Entrevista**. Uberaba, 14 ago. 2008.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Profa. Ms. Andréa Carla Machado
Universidade Federal de São Carlos | São Carlos | São Paulo
Centro Universitário de Rio Preto | São José do Rio Preto | São Paulo
Curso de Pedagogia
Centro de Educação e Ciência Humanas | CECH
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
Grupo de Pesquisa Linguagem, Aprendizagem e Escolaridade | UNESP | Marília
Email | decamachado@gmail.com

160

Ms. Suzelei Faria Bello
Universidade Federal de São Carlos | São Paulo
Centro de Educação e Ciência Humanas | CECH
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
Bolsista CNPq
E-mail | suzebello@gmail.com

Profa. Dra. Maria Amelia Almeida
Universidade Federal de São Carlos | UFSCar
Centro de Educação e Ciência Humanas | CECH
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
Grupo de Pesquisa Comunicação Alternativa e Ampliada
E-mail | ameliama@terra.com.br



Profa. Ms. Sabrina Ferreira de Oliveira
Universidade Federal do Triângulo Mineiro | Uberaba | Minas Gerais
Núcleo de Assistência Estudantil
E-mail | sassofisio@hotmail.com

Recebido 21 out. 2010

Aceito 22 dez. 2010

Anexo 1

Questionário para os professores

Perfil

1. Qual a sua formação? Idade?
2. Qual sua atuação profissional?
3. Desde quando atua como tal?
4. Quantos anos você já atua no magistério?
5. Qual a sua concepção sobre o ensino colaborativo?
6. Você concorda em receber auxílio de outro profissional para sua atuação em sala de aula?
7. Na sua opinião, o que um professor precisa saber para atuar em uma sala de aula inclusiva? Ou seja, com alunos portadores de necessidades educacionais especiais.



Anexo 2

Pré-avaliação para os professores

Conhecimento sobre consultoria colaborativa

1. Você conhece o conceito de Consultoria Colaborativa?

() Sim

() Não

2. Como você definiria a função do consultor?

3. Que tipo de dificuldade os seus alunos poderiam apresentar para que você solicitasse o auxílio de uma Consultoria Colaborativa?

4. Que tipo de auxílio você espera que os consultores ofereçam?

5. O que você considera necessário para que a Consultoria aconteça com qualidade?

6. Como você acha que deveria ocorrer a intervenção com seu(s) aluno(s) por meio da Consultoria Colaborativa?

Bom Trabalho!
